



Desenhando e jogando que aprendemos em Geografia: As cinco regiões brasileiras sob a ótica de estudantes do 5º ano da E.E.Prof. Ruy Eloy

Tereza Raquel Muniz de Paulo[i]

José Danilo Santos Cavalcanti de Araújo[ii]

Resumo: O presente artigo visa relatar a experiência obtida com o Estágio Supervisionado em Geografia a partir da aplicação de uma oficina pedagógica, com alunos de 5º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Professor Ruy Eloy, situada na cidade de Aracaju. Este trabalho versa sobre o uso do conceito de Região, ao ser ensinado na disciplina escolar pela professora regente na escola, e a aplicação pelos estagiários de uma oficina se constituindo de um jogo, e de desenhos na compreensão dos conceitos e temas vistos pelos estudantes nas aulas, a partir do conteúdo da divisão regional do Brasil em cinco grandes regiões. Aqui é feita uma análise da totalidade da escola (a partir de diagnóstico) enquanto ambiente de aprendizado com entraves e potencialidades, com a intenção de discutir qual a importância do lúdico a partir de oficinas no ensino de Geografia.

Abstract: This paper aims at reporting the experience gained in the Supervised Internship in Geography from the application of an educational workshop with students from 5th grade of primary school at the State School Professor Ruy Eloy, located in the city of Aracaju. This paper discusses the use of the concept of region, to be taught in school discipline by mandatory school teacher, and the application by trainees of a workshop constituting a game, and drawings in the understanding of concepts and issues perceived by students in classes, from the content of the regional division of Brazil into five major regions. Here an analysis of the entire school is made (from diagnosis) while learning impediments and potential, with the intention of discussing what the importance of playfulness from workshops in Geography teaching environment.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado, Região, Ensino de Geografia.

INTRODUÇÃO:

O presente artigo decorre de uma experiência de Estágio Supervisionado em Ensino de Geografia de dois graduandos do curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe, campus José Aloizio de Campos. A partir da conjuntura em que se insere a educação básica brasileira, tal artigo tem como proposta apresentar como o uso do desenho e jogos enquanto oficina pedagógica nas séries iniciais do ensino fundamental, podem ser um recurso facilitador e dinamizador da aprendizagem no ensino de Geografia, tendo como base a vivência adquirida no Estágio Supervisionado.

Este trabalho enquanto ponto de chegada, teve como ponto de partida o tirocínio docente, que foi realizado na Escola Municipal Professor Ruy Eloy, localizada na Avenida Maranhão, S/N, Zona Norte da cidade de Aracaju – SE. O estágio foi realizado na turma do 5º ano A, a única dessa série na escola, sendo composta por 35 alunos que residem em bairros e conjuntos habitacionais próximos à unidade de ensino. A faixa etária dos discentes variava entre 10 e 14 anos, caracterizando esta turma como heterogênea em relação à idade-série, pois há alunos regulares e outros com defasagem escolar.

Nesse sentido, os jogos e os desenhos enquanto metodologia de ensino podem ser uma grande ferramenta para ampliação do interesse dos estudantes pelos temas referentes à Geografia na educação básica, bem como uma prática de integração e interação dos discentes enquanto heterogeneidade, e posteriormente, no desenvolvimento do conceito de regiões estudantes e as peculiaridades inerentes desta, a partir da divisão do Território Nacional nas cinco grandes Regiões Brasileiras.

Oficina pedagógica: a viabilidade da melhor aprendizagem em Geografia e apreensão do conceito de Região

Parafraseando Sonia Castellar et al (2013), uma das principais funções da Geografia escolar é modificar a visão e a maneira como educandos observam o espaço geográfico, desde sua organização, até os processos que o compõe, mostrando que o espaço (a partir das categorias lugar, região, território, paisagem e rede) é construído todos os dias pelos homens que convivem em sociedade ao estabelecerem relações de diversos gêneros com a natureza, demonstrando assim uma função social que a Geografia, enquanto disciplina escolar, tem a cumprir. Com este pressuposto é possível pensar numa aprendizagem prazerosa, uma vez que envolve diretamente com o universo de interesse dos alunos: o seu cotidiano.

Assim, na Geografia, o processo de ensino-aprendizagem, como foi muito discutido e dialogado em várias esferas da educação, pode se dar por diversas vias. Desde a leitura e interpretação de um texto numa aula discutida e dialogada - passando por atividades de perguntas e respostas, um trabalho de campo, um mapa – até pela aplicação de oficinas pedagógicas pelos docentes, que é compreendida:

[...] como uma metodologia de trabalho em grupo, caracterizada pela “construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confrontação e intercâmbio de experiências” [...] em que o saber não se constitui apenas no resultado final do processo de aprendizagem, mas também no processo de construção do conhecimento. (CANDAU, 1999:23 *apud* MOITA e ANDRADE, 2006: 5).

Seguindo este raciocínio, e enxergando a oficina pedagógica como um estímulo as capacidades que vão além do saber e do conhecer, um dos recursos escolhido como método de aplicação da oficina pedagógica, foi o jogo aplicado ao ensino da Geografia. Para entender a importância deste recurso, pode-se questionar arcaicos métodos avaliativos sobre as avaliações na escola, pois

Desde a criação da escola obrigatória tem-se a necessidade de avaliar a capacidade de compreensão e aprendizado dos alunos, com a finalidade de aprová-los ou não para o próximo nível ou série. O mundo evolui, mas a escola parece que não consegue acompanhar esse ritmo de mudança. Muito se fala e pouco se faz para que haja a tão esperada e necessária mudança na educação. (VERRI, 2008: 2)

A utilização de jogos assim como está para a aprendizagem do aluno, relaciona-se fundamentalmente com o aprendizado e reinvenção do professor, pois confere ao mesmo uma autonomia do livro didático, e uma postura crítica sobre os seus próprios métodos e o conhecimento adquirido pelos discentes. Dentre outros aspectos positivos, ainda que com todas as dificuldades da educação brasileira, encontra-se uma maior relação de reciprocidade entre professor e alunado, e vice-versa, dinamizando as aulas, e criando uma maior

relação de confiança *a posteriori*em si mesmo e nos demais.

Todavia, não se pode ver os jogos ou desenhos como atividade fim, mas como atividade meio, uma vez que “ajudam o aluno a construir o sentido de um determinado conteúdo ou conceito que o professor pretende desenvolver” (Castellar et al, 2011, p. 251). Por esse motivo na produção da oficina pedagógica, foi escolhido o uso de um jogo e dos desenhos pelos alunos para o desenvolvimento do conceito de região nos estudantes, uma vez que este é um fenômeno geográfico concreto, presente no cotidiano de todos os presentes.

Por Região, Eliseu S. Spósito (2004) entende que o conceito de região tem origem nas discussões e debates políticos a partir da dinâmica expansionista dos Estados na antiguidade, com base na diversidade espacial das culturas, línguas e etnias, sendo uma das primeiras formas de administração dos novos territórios conquistados, dando às regiões uma certa autonomia, sendo representadas em cartas antigas, dando a possibilidade, posteriormente, da Geografia discuti-la enquanto conceito e categoria de análise. Porém, esta na atualidade, não tem apenas o caráter administrativo. Ao discutir a região na história do pensamento geográfico, Paulo César da Costa Gomes em 1996, elucida que:

A região é uma realidade concreta, física, ela existe como um quadro de referência para a população que aí vive. Enquanto realidade, esta região independe do pesquisador em seu estatuto ontológico. Ao geógrafo cabe desvendar, desvelar, a combinação de fatores responsável por sua configuração. (GOMES, 1996, p. 57)

Nessa perspectiva de região, é possível entender a sua importância de apreensão do seu conceito na fase escolar, e a função social que a própria Geografia tem de formar uma visão crítica sobre o espaço geográfico, e conseqüentemente sobre a região. Este conceito traz a ideia da pluralidade que permeia o global, ainda que hoje a realidade torne-se mais complexa, fazendo repensar a região enquanto resistência ao processo da globalização homogeneizante.

Há que se atentar também, no ensino de Geografia, para as questões das regionalizações enquanto formas de se administrar, projetando intencionalidades no espaço geográfico, intencionalidades estas em que ora se objetiva entender as dinâmicas das localidades, as populações, a política, a cultura, a economia ou a história; ora desejando desenvolvimento de projetos coletivos ou particulares de acordo com as características singulares das regiões.

Nesse sentido, o conceito de região permeia o cotidiano dos estudantes, ainda que a nível de senso comum, mas estes entendem, ainda que minimamente quando ouvem conversas de adultos ao se localizarem numa viagem, “estou vindo da região Norte do país”, nos noticiários ao ouvirem manchetes como “a região Nordeste é a maior produtora de cana-de-açúcar no período de um mês”, ou ainda quando falam de suas experiências para os amigos “nas próximas férias, vou para o Sul do Brasil com minha família”. A divisão regional brasileira em cinco, que aparentemente no cotidiano, não tem nada de científico, está embasada na divisão regional proposta pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, no ano de 1970.

Neste sentido é importante ambientar os discentes observando as regiões enquanto conceito científico utilizado para explicar o espaço geográfico, sempre de forma didática, a partir das experiências que possuem, mesclando com o que os objetivos da Geografia escolar, como cita Kaercher (2013, p. 21) “que a escola precisa simplificar, não raro, para didatizar, e isso não é um erro, é um recurso, um método.”

Destarte, além do uso do jogo, é importante apontar o desenho enquanto representação e expressão do que foi aprendido em sala de aula. A partir de desenhos, é possível ver e compreender a visão que os alunos obtêm das regiões estudadas e suas respectivas particularidades, uma vez que lançam mão de cores e linhas para representar o que já sabiam e o que aprenderam ou ainda o que imaginam ser determinada região, além de estimular a criatividade e a capacidade de expressão de objetos, símbolos e processos.

É importante também falar de outros recursos, que são de mais simples execução, mas que também contribui

de forma significativa para o (re)inventar do ensino da Geografia, possibilitando assim aulas mais dinâmicas e interessantes. Como exemplo se pode citar os desenhos espontâneos

[...] que possibilitam identificar o desenvolvimento gráfico-espacial dos alunos como uma representação do mundo próximo e conhecer não só suas informações sobre os lugares, mas também seu imaginário sociocultural. Os desenhos de crianças oferecem dados aos professores sobre situações de vida, pensamentos, medos. É por meio do desenho, em atividade individual ou coletiva, que o não-dito se expressa nas formas, nas cores, na organização e na distribuição espacial. (PONTUSSCHKA; PAGANELLI; CACETE; 2007:93).

Diante disso, há que se atentar para o bom uso destes recursos por meio do aperfeiçoamento da técnica – ou seja, a tecnologia, neste caso os jogos, falham quando quem deveria dominar a técnica, o docente, não possui o domínio da tecnologia. Tal entrave implicaria numa defasagem da aprendizagem, uma vez que a condução da aula depende principalmente do professor para trabalhar os conceitos da Geografia, entretanto alguns jogos podem ser realizados sem que sejam necessários aparatos tecnológicos de última geração.

É necessário também afirmar que a oficina pedagógica surge como uma importante ferramenta para dinamizar o ensino de Geografia, além de tornar a aula mais atrativa para o aluno. Contudo esta atividade demandou tempo e planejamento, que deve ser sempre feito para melhor aplicação da metodologia, e conseqüentemente, tudo saia nos conformes. Os desenhos também necessitam de engajamento por parte do docente, apesar de ser um recurso de maior facilidade em sua aplicabilidade, é necessário que os discentes sejam orientados e supervisionados no processo de elaboração, ou até o professor contribuindo enquanto sujeito desta aprendizagem, contribuindo assim com a elaboração dos desenhos a partir do imaginário dos alunos.

O diagnóstico escolar e o Planejamento para aplicação das oficinas pedagógicas das Regiões Brasileiras

Por ser uma turma do primeiro segmento da educação básica a professora Eliana de Santana Santos era polivalente. Ela é graduada em licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe, e atua na área há 27 anos, tendo o mesmo tempo que trabalha na referida escola.

As aulas de acompanhamento aconteceram no turno matutino às quintas-feiras, no horário das 7:30 às 9:30, a única exceção foi no dia 29/08, cuja visita ocorre em uma sexta feira. As três primeiras semanas foram de observação e coparticipação, enquanto que as duas últimas ocorreram a realização de oficinas pedagógicas. Nessa perspectiva, o momento anterior ao início do estágio foi de muita ansiedade e curiosidade, pois existe na mente dos estagiários uma idealização de como ocorreria essa experiência. Sendo assim, o tirocínio compreende como um momento em que o futuro docente tem a oportunidade de utilizar o arcabouço teórico que foi acumulado no decorrer do curso.

Esse é também o momento oportuno para se realizar a prática e se qualificar enquanto profissional, pois apesar do levantamento teórico também ser fundamental, é através da prática, que ocorre a aprendizagem de como se portar diante de determinadas situações. Dessa forma, neste momento teoria e prática devem andar juntas.

Em outras palavras, o processo de ensino-aprendizagem, em qualquer área do conhecimento, inclusive da Geografia, sempre se deu, e sempre se dá no espaço geográfico. Este espaço geográfico pode estar relacionado com a rotina da vida dos sujeitos, onde aprendem a partir das suas experiências individuais; ou ainda relacionado à uma instituição de ensino, em diferentes esferas da vida – nível de escolaridade, idade, condição financeira etc.

Deste modo, além do processo da aprendizagem se dar entre os sujeitos, ele ocorre num espaço que reflete

como estes agentes administram, aprendem, fazem trocas, discutem, se relacionam culturalmente, politicamente e economicamente com o espaço. Assim foi possível ver as potencialidades e os entraves no que tange ao aparato de ensino onde está erguida a Escola em questão. Para realizar o diagnóstico escolar, foi realizada uma conversa com a diretora da escola, para que a mesma respondesse determinadas questões sobre diversos aspectos da referida unidade de ensino. Com as informações que foram recebidas e a vivência – ainda que curta – naquele espaço, foi possibilitado aos estagiários entender um âmbito da dinâmica da vida escolar.

A unidade de ensino foi fundada no mês de Junho de 1979. Atualmente está sendo preparada para reformas em sua estrutura. No que tange ao espaço físico do colégio, este consegue atender as necessidades essenciais da escola, entretanto, a sua conservação está num patamar mediano.

Nesta direção, eis os apontamentos sobre as informações recebidas. A Escola Estadual Professor Ruy Eloy é mantida pela Secretaria de Estado da Educação de Sergipe (SEED) – uma instituição de ensino público. Oferece o nível de ensino fundamental e o EJA - Educação Jovens e Adultos, possuindo alunos matriculados nos turnos matutino, vespertino e noturno, cuja quantidade é 210, 200 e 180, respectivamente. A referida unidade de ensino apresenta-se bem iluminada pela manhã e pela noite, contando com nove salas de aula convencionais, estas sem porta, com no máximo dois ventiladores, quadro negro/branco e 30 carteiras escolares cada uma. Estes alunos provêm de outras escolas públicas de Aracaju e do interior de Sergipe.

Sobre os ambientes especiais, a E.E.P. Ruy Eloy dispõe de uma Sala de Leitura e um Laboratório de Informática com nove computadores. Torna-se evidente que o laboratório de informática com a quantidade de computadores que possui dividida pela quantidade de alunos por turma, fica complicado qualquer atividade de ensino em conjunto neste espaço. A hipótese acerca deste espaço reside na possibilidade de uso individual tanto dos alunos, como dos professores quando precisam, uma vez que foi verificado que na sala de professores, apesar de ampla e ventilada, não possuía computadores.

Quanto à sala de leitura, esta possui materiais como livros didáticos, literatura infanto-juvenil, mapas, globos terrestres, um ar condicionado, quadro negro, mesas, estantes, mapas explicativos tanto da Geografia (um mapa sobre inversão térmica, bem como mapas temáticos – mundi, Brasil Político, Estrutura Geológica, dentre outros, embora muito antigo) – como de Ciências. Possui ainda um modelo de corpo humano – com a caixa torácica e todos os órgãos que a compõem. Contém dois televisores – um mais antigo e outro tela LED-LCD. Assim conclui-se que esta sala de leitura possui diversas funções, para além da simples leitura, fazendo função tanto de biblioteca, como de suporte para o ensino.

Ainda sobre os equipamentos didáticos, a escola conta com uma fotocopadora, um retroprojetor, um Datashow, computadores, e um aparelho de som. A escola também possui, além dos livros de Geografia, livros das outras matérias que complementam os padrões do ensino fundamental, regulamentado pelo MEC.

No que se refere à comunidade escolar, a diretora da escola foi nomeada, ou seja, o acesso ao cargo se deu sem consulta da comunidade escolar, mas isso não quer dizer que a pessoa que ocupe essa posição seja preparada ou não para exercer tal função. A escola conta com duas coordenadoras, uma no turno matutino e outra no vespertino. O quadro de professor conta com 30 professores graduados, possuindo apenas dois especialistas, e 12 em Geografia. Através do diálogo na fase do diagnóstico, foi relatado no questionário que o quadro está incompleto, pois falta docentes da matéria de ensino de História, Matemática e Línguas.

Sobre a carga horária dos professores de Geografia, esta tem no máximo 200 horas semanais, e no mínimo 120. O professor(a) mais antigo(a) da escola tem 27 anos de ensino na educação básica. Ainda na secretaria da unidade, foi possível notar a organização do quadro de matérias e professores por turma e turno. Não foi relatado no diagnóstico nenhum projeto escolar, mas apenas a afirmativa de que este(s) existe(m), bem como foi afirmado que há o Planejamento Escolar, mas não foi explicada a frequência. As relações da Escola com a Família se dá através de reuniões, bem como de conversas formais e informais com a direção e a coordenação, bem como os docentes.

Outros problemas detectados dizem respeito a atualização das tecnologias e o acesso a elas por professores e alunos, que ainda que essa atualização ocorra lentamente, não é inclusiva. Porém isso não impede que a aprendizagem se efetue, como foi visto durante a disciplina de Estágio Supervisionado I e como argumenta Kaercher (2011) que pensando possibilidades e outras formas de ensino junto aos discentes, pode evitar as paralisias e um hiper criticismo que não traz propostas de renovação. Diante das características que foram explanadas, percebe-se que a escola (ainda que com todos os problemas rotineiros de uma escola da rede estadual de ensino) possui uma estrutura básica razoável para que a aprendizagem coletiva a partir de formas mais dinâmicas, seja alcançado.

O relato de Experiência do Estágio Supervisionado em Ensino de Geografia

No dia 01 de agosto de 2013 ocorreu o início do estágio no 5º ano A do Colégio Estadual Professor Ruy Eloy. As experiências e vivências foram realizadas uma vez por semana durante cinco semanas. Inicialmente o planejamento era para quatro semanas, mas devido aos imprevistos foi necessário ampliar para mais uma aula, ocorrendo da seguinte forma: as três primeiras semanas de observação e coparticipação e nas duas últimas semanas a realização da oficina pedagógica.

Na primeira semana especulava-se que haveria uma revisão dos conteúdos trabalhados no semestre anterior, pois a turma estava iniciando o segundo semestre letivo e a professora não tinha pretensões de iniciar “novo” conteúdo logo na primeira semana de aula. Entretanto, devido à deficiência dos alunos em compreender os assuntos de matemática, foi priorizado a resolução de atividades desta disciplina no horário reservado para aula de Geografia, o que por sua vez implicou na necessidade de replanejamento das atividades do estágio. Nesse sentido, é válido ressaltar que a priorização das disciplinas Português e Matemática é algo que já se fazia presente nas séries iniciais do ensino fundamental, mas que devido ao IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica como parâmetro para avaliação da qualidade da Educação Básica, o governo estadual tem intensificado as exigências nestas áreas, relegando as demais disciplinas, e isso inclui a Geografia, para segundo plano.

Na segunda aula com a presença dos estagiários, a Geografia foi trabalhada através do conteúdo “A divisão regional do Brasil”, no que tange aos critérios utilizados pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, e as formas de integração entre essas regiões. Como metodologia a professora regente a princípio utilizou o quadro para copiar um resumo por ela elaborado e cujas frases foram extraídas do livro didático adotado pela escola, havendo posteriormente a exposição deste conteúdo de forma dialogada com os discentes. Nessa exibição inicialmente foi feita uma breve revisão dos conteúdos anteriormente estudados, e fazendo uma ponte com a história para explicar a configuração atual do Brasil.

Como recursos foram utilizados o quadro, pincel e o mapa político do Brasil, pois a escola não dispunha de um mapa da divisão regional do Brasil, situação que é diferente em diversas escolas públicas. Desta forma, a fim de superar este entrave, a professora utilizou um quebra-cabeça que foi produzido na vivência de outros estagiários para expor o conteúdo em questão. Como medida avaliativa a professora utilizou a participação no decorrer na aula, através de perguntas para os alunos, principalmente para aqueles mais dispersos e/ou desmotivados. Nesta aula, foi constatada a indisciplina por parte de determinados discentes, além da dificuldade para realizar leitura de mapa, revelando assim um *déficit* na alfabetização cartográfica.

O terceiro momento do estágio ocorreu no dia 15 de agosto de 2013. Inicialmente foi realizada a correção da atividade de geografia que foi proposta na aula anterior, posteriormente foi trabalhado o conteúdo “Conhecendo as Regiões”, onde foram enfatizadas as características das Regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste. Nesta aula a professora utilizou como recursos o quadro, pincel e o mapa político do Brasil, realizando o mesmo procedimento metodológico da aula anterior. O diferencial desta aula foi a maior interação entre o professor regente e os estagiários, pois houve oportunidade para que estes realizassem intervenções no decorrer da correção dos exercícios e da explicação da professora com o incremento de informações.

Na quarta semana, o momento era para aplicação da oficina, que abordaria o conteúdo trabalhado nas semanas anteriores, neste caso foi possível trabalhar “As Cinco Regiões Brasileiras”, pois a professora trabalhou conteúdos de Geografia em outras ocasiões em que os estagiários não estavam presentes, nessas séries é normal isso acontecer, visto que não há rigor quanto ao horário/aula de cada disciplina, como no segundo segmento do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Nesta aula os estagiários puderam expor suas ideias de forma mais ampla, pois a regência da classe estava sob a égide destes. Todavia, é válido ressaltar a importância de seguir essa sequência na realização do estágio, visto que para a realização da oficina pedagógica é necessário um conhecimento prévio dos alunos, que foram adquiridos nas aulas ministradas pela professora Eliana.

O planejamento da aula da oficina é algo importante nesse processo, visto que é preciso estimar tempo, propor objetivos, escolher os procedimentos metodológicos e descrever os recursos condizentes com a proposta. O professor precisa ter em mente como procederá, além de estar preparado para situações inesperadas que venham surgir.

Dessa forma, foi solicitado na aula anterior que os alunos trouxessem lápis coloridos para a confecção de um desenho a partir da percepção que eles tinham das principais características de cada região. A turma foi dividida em cinco grupos, um para cada região, foi decidido agrupar os alunos que não tinham proximidade para que os mesmos aprendessem a importância de se trabalhar com diferentes pessoas, assim como a importância de realizar uma atividade de forma coletiva. Antes da efetivação da atividade foi realizada uma revisão dos conteúdos trabalhados nas aulas anteriores, pois como a última aula de Geografia tinha sido realizada uma semana atrás, era importante lembrar o conteúdo para melhor efetivação da oficina. Sendo assim, foram escritas palavras chaves no quadro para auxiliar os alunos. Depois que atividade foi explicada e os grupos estavam formados, as cartolinas foram distribuídas para os grupos. A atividade ocorreu de forma tranquila, pois os futuros docentes orientaram os alunos em todo o momento contando também o auxílio da professora regente, apenas a dispersão de alguns alunos ocasionou em mais tempo para realizar a atividade, mas através do diálogo foi possível inseri-los no trabalho.

O resultado foi gratificante, os alunos conseguiram atingir os objetivos propostos, surpreendendo até a professora da turma. Vale destacar alguns exemplos como o desenho do Rio São Francisco para lembrar a região Nordeste, além dos cactos – vegetação típica da caatinga e as belas praias do litoral nordestino. Sobre o Sudeste foram destacadas as grandes cidades da região – São Paulo e Rio de Janeiro – as áreas industriais. Sendo assim, é importante afirmar que recursos simples, como os utilizados nessa atividade, conseguem dinamizar o ensino de geografia e até mesmo melhorar o aprendizado dos alunos.

Na última semana, devido à ausência da geografia na primeira semana de observação, como também o tempo que não propiciou a realização das duas atividades propostas, ficou decidido que a aplicação da outra oficina ocorreria na semana seguinte, desta vez no dia 30/08.

O jogo “Bingo Geográfico” foi aplicado com o mesmo objetivo da atividade anterior, reforçar, dinamizar e revisar o ensino dos conteúdos de Geografia. Antes foi explicado aos alunos como aconteceria a atividade, posteriormente foi solicitado que os mesmos formassem duplas para que em seguida se realizasse a distribuição das cartelas, estas continham as respostas das perguntas que seriam feitas.

Cada cartela continha nove palavras e não havia cartelas com as nove palavras em comum e o objetivo era completar a cartela primeiro, para isso os estagiários faziam as perguntas para a turma, esta respondia e quem tinha a resposta marcava na cartela. Após as instruções, deu-se o início do jogo, atividade que também aconteceu de forma tranquila e cada resposta era escrita no quadro. Quando as primeiras duplas completaram a sequência, foi proposto responder o restante das perguntas, para que assim todos se sentissem vencedores. .

No final, foram entregues brindes para todos os alunos, a professora Eliana mais uma vez ficou surpresa com o desempenho da turma. Para os estagiários foi gratificante perceber que contribuíram para melhorar o processo de ensino-aprendizagem, assim como o ensino de geografia, mesmo que em apenas quatro

semanas.

Nessa perspectiva, é válido afirmar a importância da observação, para só posteriormente se iniciar a coparticipação e por último a oficina pedagógica. Pois desta forma, os estagiários vão se familiarizando com o ambiente escolar, além de se adequar a realidade de cada escola e/ou turma, para que assim, no momento de coparticipação não haja desentendimentos, subestimação ou ir além da realidade escolar. De semelhante modo é para a oficina, visto que esta aula é planejada e conduzida pelos estagiários, o processo anterior possibilita agir no mais próximo possível da realidade.

Diante disso, é importante esclarecer que mesmo diante das dificuldades que existem em estagiar na escola pública, com alunos indisciplinados em certas ocasiões, falta de material atualizado, como um mapa da divisão regional do Brasil, não se pode deixar de reafirmar a importância que o estágio tem para a formação do docente de Geografia, pois possibilita ao mesmo o preparo para o campo do trabalho, vale ainda corroborar a importância da oficina pedagógica, pois permite dinamizar o ensino da Geografia, pois esta é uma forma lúdica que permite uma aprendizagem de forma mais prazerosa.

CONCLUSÃO:

Diante dessas considerações, o estágio é de fundamental importância para a formação de qualquer profissional, e por isso é importante que o mesmo esteja na componente curricular dos cursos de graduação, principalmente de licenciatura, visto que há uma lacuna entre a educação da academia e a educação básica. Educação esta que precisa mais do que nunca da inserção de estudos e novas formas de ensino para um resgate da escola pública como ambiente da aprendizagem, e não da decadência, seja de professores, alunos, funcionários e a comunidade que a escola está inserida.

Pensando na função social da Geografia enquanto disciplina escolar, esta é a disciplina que deve fazer os alunos, e professores se enxergarem enquanto sujeitos não só da aprendizagem, mas da prática cotidiana, no espaço geográfico, e conseqüentemente na região, onde os sujeitos a transformam no caminhar da história.

Observando as dificuldades estruturais da Escola Estadual Professor Ruy Eloy, buscou-se uma maneira de se reforçar o que os alunos aprenderam em Geografia, de uma forma menos convencional, em que se houvesse a interação coletiva, desenvolvendo habilidades entre os alunos, mostrando novas formas de fazer à professora regente, e os estagiários aprendendo com ambas as partes do processo.

Sendo assim, essa experiência possibilitou aos estagiários a oportunidade de conhecer o ambiente escolar bem como as suas singularidades, fazendo-os enxergar a partir da convivência, as formas de potencializar os conhecimentos adquiridos pelos alunos nas aulas (como as primeiras noções do que vem a ser região na Geografia), a partir de desenhos do que estes entenderam da composição das regiões brasileiras como forma de ver a diversidade (natural, cultural, política, econômica e espacial) presente no território brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella; MORAES, Jerusa Vilhena de; SACRAMENTO, Ana Cláudia Ramos. **Jogos e resolução de problemas para o entendimento do Espaço Geográfico no ensino de Geografia.** In CALAI, A. C. Educação Geográfica, Reflexão e Prática. Editora Compasso: 2011. P. 249-276.

BREDA, Thiara V.; ZACHARIAS, Andrea A. **A Utilização de Jogos no Ensino de Geografia: Um relato de experiência na escola EMEF Jandira Lacerda Zanoni no município de Ourinhos SP.** São Paulo, Faculdade de Ourinhos, 2006.

Disponível em:

<http://

webcache.googleusercontent.com

/search?

q=cache:VFtIJ3h85AAJ:prope.unesp.br

/xxii_cic/ver_resumo.php

%3

Farea%3

D100044%26subarea%3

D12419%26congresso%3

D30%26CPF%3

D34347957823+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em 20/08/2013.

EVANGELISTA, A. M. **A Região No Ensino de Geografia: Notas de um Itinerário de Pesquisa.** In: V Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI, 2009, Teresina. A escritura da Pesquisa em Educação e suas diversas linguagens. Teresina: EDUFPI, 2009.

KAERCHER, Nestor André. **Os movimentos que meus mestres me ensinam: DDD's, signos, alimentos, escadas, luzes, grenais.** In: CASTROGIOVANNI. A. C. et al. Momentos no ensinar Geografia. Porto Alegre: Imprensa Livre. Compasso. 2013 p. 13-34.

MOITA, Filomena M.G. S. Cordeiro; ANDRADE, Fernando César B. **O SABER DE MÃO EM MÃO: A OFICINA PEDAGÓGICA COMODISPOSITIVO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NA ESCOLA PÚBLICA.** In Anais Educação, Cultura e Conhecimento na contemporaneidade: desafios e compromissos. Caxambu – MG:ANPEd, 2006.

Disponível em:

<http://

www.

filomenamoita.pro.br

/pdf/GT06-1671.pdf

>.

Acesso em: 20/09/2013.

PONTUSCHKA; NídiaNacib; PAGANELLI, TomokoLyda; CACETE; NúriaHanglei. **Para Ensinar e aprender Geografia.** 1ª ed. São Paulo; Cortez, 2007. p. 289-317.

VERRI, Juliana B. **A importância da utilização de jogos aplicados ao ensino de Geografia.** Universidade Estadual de Maringá, 2008.

Disponível em:

<www.

educadores.diaadia.pr.gov.br

/.../**Geografia/art_geo_jogos.pdf**

>.

Acesso em: 23/09/2013.

[i] Aluna do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Sergipe. Possui experiências com estudos de extensão em Geografia Agrária (2011-12) e monitoria de Teoria da Região e Regionalização (2013). Atualmente é Bolsista PIBID-Capes/CNPq (2014). Email: trmp.raquel@gmail.com

[ii] Aluno do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Sergipe. Possui experiência em

Monitoria de Teoria e Método em Geografia. Atualmente é Bolsista PIBID-Capes/CNPq (2014). Email: danilogeoufs@gmail.com

.

Recebido em: 14/07/2014

Aprovado em: 15/07/2014

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: